

# O processo de globalização no planeta dos macacos

*The globalization process in the planet of the apes*

*El proceso de globalización en el planeta de los monos*

**T**udo começou há algumas centenas de anos em um diminuto planeta azul em uma galáxia distante.

Nele, coexistiam em harmonia uma infinidade de espécies de animais e de plantas, em uma forma de interação que se podia dizer como sustentável. A espécie dominante era a dos macacos gigantes, que possuía um elevado grau de inteligência e um enorme espírito de coletividade, que os forçava a viver em agrupamentos populacionais, também chamados de cidades.

Frente aos avanços da ciência, à falta de predadores e à capacidade reprodutiva da espécie, a população de macacos no planeta dobrava a cada 35 anos. As pequenas comunidades originais tinham um comportamento bastante curioso ao praticar uma inter-relação de trocas de produtos agrícolas e artesanais. A unidade econômica era a pequena propriedade, os trabalhadores eram da própria família, e as trocas de alimentos e de artesanatos moviam o desenvolvimento. O planeta sempre teve dois hemisférios de desenvolvimento econômico e social distintos. O hemisfério norte era mais desenvolvido e rico em função de sua história geosimiológica mais antiga e baseada na exploração dos recursos naturais, inclusive e principalmente os do hemisfério sul. Este hemisfério era o mais pobre e com menor grau de instrução, mas não se pode dizer que os macacos dali eram mais infelizes por isso. Pelo contrário, tinham uma cultura própria em termos de música, danças, idiomas,

alimentação e hábitos sociais.

Em todo o planeta o alimento favorito dos macacos era a bananada, produzida artesanalmente em cada lar a partir da banana que era plantada na própria propriedade. Com o desenvolvimento gradual da civilização, alguns macacos mais espertos perceberam que podiam produzir mais bananada que outros, vendendo-a ou trocando-a com seus vizinhos por matéria-prima para produzir mais bananada. A relação econômica cresceu em velocidade cada vez mais acelerada. Não custou muito para que alguns macacos se dessem conta de que, se investissem seus esforços em produzir mais bananada, poderiam reduzir custos e conquistar mais vantagens nas trocas, aumentando dessa forma o seu poderio sobre os demais macacos.

Toda uma ciência passou a ser criada em torno da produção agrícola de banana e da manufatura industrial da bananada. Em um determinado momento, alguns ilustres cientistas descobriram um híbrido de banana que se propagava vegetativamente como toda banana, mas que poderia duplicar ou até triplicar a produção de bananas. Essa banana híbrida, se convertida em bananada, agora denominada de bananacéu para o mercado, poderia ser comercializada não apenas nas circunvizinhanças, mas além das fronteiras, graças a uma bem orquestrada campanha de *marketing*. A tecnologia permitiu desenvolver maquinário especializado capaz de duplicar a produtividade na fabricação da bananacéu.



José Rubens Molidero

Celso Foelkel

Nesse momento, os empresários da bananada enfrentaram seu primeiro dilema em termos de questionamento do modelo socioeconômico e ambiental que praticavam. Se a nova forma de produção da bananacéu permitia duplicar a produção e reduzir a dependência da mão-de-obra à metade, depararam-se com duas opções. Na primeira, poderiam reduzir o tempo de operação da fábrica à metade, deixar mais tempo livre para lazer a todos, que teriam mais tempo para dedicação à família, aos seus assuntos pessoais e sociais. Agregar-se-ia possivelmente maior satisfação e felicidade à coletividade, e a produção de bananacéu se manteria nos mesmos níveis sem desequilíbrio da relação oferta/procura.

A segunda opção seria dobrar a quantidade de produção da bananacéu, reduzindo os custos pela economia de escala e redução de trabalhadores. Entretanto, a produção seria demasiada para ser absorvida pelas populações vizinhas. Significaria também a necessidade de muito mais bananas a consumir como matéria-prima, mas a gene-

Por Celso Foelkel, Grau Celsius/Celsius Degree, consultor e presidente da ABTCP. E-mail: foelkel@via-rs.net

rosa produção poderia ser exportada para além das fronteiras. A opção foi então a de se desenvolver em termos de maior produção, enxugamento de trabalhadores, praticando o modelo de exportação global. Novos mercados foram rapidamente conquistados às custas de uma gradual demolição das fábricas artesanais de bananada, tanto localmente como nos países para onde exportavam. O emprego artesanal diminuiu, e a população de macacos desempregados cresceu vertiginosamente.

Como consequência, a violência aumentou em todo o planeta. Macacos honestos e trabalhadores se viram na marginalidade de um momento para outro. Países vizinhos, que eram felizes e tinham uma economia saudável, viram-se mergulhados em fortes crises de competitividade para produzir a bananada para sua própria subexistência. O modelo praticado se apoiava na máxima conceitual de que toda produção possível, se possível toda, deveria ser exportada, para manter as empresas de bananacéu competitivas local e globalmente. Na sua singeleza de raciocínio, o modelo conduzia ao extremo imaginável de que toda a produção de um local deveria ser exportada, e todos os bens consumidos, importados para o bom funcionamento do processo de globalização.

É o que já estava em parte acontecendo com a banana, que insuficiente para atender às demandas para produção da bananacéu, era importada de pontos distantes. Toda uma logística foi desenvolvida para trazer a banana ainda verde, armazená-la em câmaras frigoríficas e, gradualmente, ir-se amadurecendo-a em condições controladas para o processo de conversão industrial. A bananacéu era agora produzida por poucas empresas transnacionais, que tinham sofrido fortes processos de fusões, aquisições e consolidações, em uma tentati-

va de controlar a oferta e a demanda do mercado. Grandes quantidades de bananacéu na forma bruta eram exportadas em contêineres do hemisfério sul para o hemisfério norte. Lá, recebiam um engenhoso processo de acabamento para diferentes sabores, odores e cores, eram embaladas novamente de forma bem vistosa e novamente exportadas.

---

**“ Perguntavam-se os líderes globais: por que demoramos tanto para agir, apesar de conhecermos os indicadores que prenunciavam desequilíbrios? Por que não começamos mais cedo um processo de educação para o controle populacional, para geração de oportunidades para todos, para redução do consumo exagerado, para reduzir a pilhagem dos recursos naturais do planeta azul, que agora já se mostrava de cor acinzentada ”**

---

Parte da bananacéu, agora com nova roupagem mercadológica, voltava aos países de origem da banana e da bananacéu bruta. Havia com isso alguma geração de emprego, mas, no global, o desemprego aumentava, e a marginalização social idem. Os antigos macacos camponeses já não possuíam mais terras e se marginalizaram nas cidades, bem

como muitos dos macacos que haviam sido despedidos das unidades industriais pelo altíssimo grau de automação adotado. Apesar dos indicadores mostram que a qualidade de vida em média aumentava, eram milhões os números de macacos que viviam na miserabilidade. Havia cada vez mais extremos na qualidade de vida da população. Uma pesquisa recente havia mostrado que cada macaco em nível de planeta global, ao longo de sua vida, precisaria ter uma área de cerca de 3 hectares de bananal para representar suas necessidades vitais equivalentes, correspondentes às demandas de energia, alimentos, etc.

Já nos países ricos, em função da melhor qualidade de vida, as exigências eram de 15 hectares por macaco. Havia também macacos paupérrimos, que viviam em puro estado de miséria, cuja área equivalente era menor que 0,5 hectare. Se a qualidade de vida sob esse paradigma aumentasse para todos os macacos, não existiria área disponível no planeta para se suprir essa demanda, baseada no modelo consumista vigente. O contraste estava estabelecido, e a demolição dos recursos naturais do planeta aumentava aceleradamente. Já quase não existia muito mais área propícia para se plantar banana. O preço do bananacéu estava despencando pelo excesso de produção e pela diminuição do consumo, causado pelo aumento de macacos sem condições financeiras para adquiri-lo.

Nesse momento, os líderes internacionais perceberam a inconsistência do modelo econômico que estavam praticando e se preocuparam com o futuro do planeta que tinha reservas limitadas. Tiveram en-



# Globalização





### **Voith Paper inaugura Centro de Serviços**

*New Voith's service center in São Paulo*

**Nuevo centro de servicios de Voith en São Paulo**

No último dia 22 de fevereiro, a empresa Voith Paper inaugurou em São Paulo suas novas instalações da Divisão de Serviços. A nova área tem 4.000m<sup>2</sup> – o dobro do espaço anterior – com melhor infra-estrutura de atendimento aos clientes a partir de avançadas tecnologias para reformas, manutenção e recuperação de equipamentos ou máquinas utilizados na fabricação de papel e celulose.

*Direto da fonte*

### **Jari Celulose: novo modelo de extração da madeira**

*Jari Celulose: new model of wood extraction*

**Jari Celulose: nuevo modelo de extracción de madera**

A Jari Celulose vai diversificar a produção e implantar novos projetos na região em que está instalada (Oeste do Pará). A empresa pretende mapear toda a madeira existente na área de entorno da fábrica (540 mil hectares) e, a partir disso, inovar o modelo de extração de madeira da Amazônia, hoje feita de forma desordenada e sem grandes controles ambientais. O projeto foi apresentado ao governo do Estado no início de março e deve gerar vantagens ao meio ambiente, a partir do melhor planejamento da extração da madeira, que também será beneficiada.

*Fonte: O Liberal*

### **Análise sobre a VCP**

*Analysis on VCP*

**Análisis sobre VCP**

O lucro líquido da VCP em 2001 foi de R\$ 376 milhões contra R\$ 394 milhões registrados em 2000. O desempenho retrata a capacidade da empresa de manter a rentabilidade de seus negócios ante as dificuldades econômicas e setoriais vividas em 2001. Mesmo em um ano desfavorável aos negócios, a VCP não deixou de investir, tendo aplicado R\$ 548 milhões em projetos de modernização industrial e R\$ 85 milhões na área florestal, além dos US\$ 370 milhões desembolsados no início de novembro/2001 para aquisição de parte do capital da Aracruz Celulose.

*Fonte: Monitor Mercantil*

## **Setor 2002**

*Sector 2002/ Columna Sector 2002*

tão uma nova oportunidade de questionar e refletir sobre os paradigmas desenvolvimentistas e tentar resgatar qualidade de vida sob nova ótica. Na perspectiva atual, cada macaco no mundo ideal de consumo correspondente ao padrão dos países ricos precisaria de 15 hectares de terra equivalente. Multiplicando-se pela população de macacos no planeta, facilmente se descobriu que isso era inviável: faltaria terra para tanto, logo deveriam continuar existindo macacos miseráveis? A solução exigiria ou uma redução drástica da população de macacos, ou uma mudança nos padrões de consumo, terminando com o consumismo exagerado, mas ameaçando com isso toda a estrutura industrial produtiva do planeta.

O dilema era demasiado: ou reduzir o mercado comprador, ou reduzir a produção. Demasiado difícil para se achar uma solução consensuada entre os principais líderes das enormes empresas transnacionais e dos países-chave. Já havia falhado a campanha publicitária global “cada macaco no seu galho”, procurando o resgate cultural de volta às origens da produção artesanal da bananacéu, do tipo “home made” pelos macacos mais pobres. A postergação do problema poderia levar a uma crise sem precedentes, que já começava a acontecer em muitos países em processo de falência econômica e social. Perguntavam-se os líderes globais: por que demoramos tanto para agir, apesar de conhecermos os indicadores que prenunciavam desequilíbrios? Por que não começamos mais cedo um processo de educação para o controle populacional, para geração de oportunidades para todos, para redução do consumo exagerado, para reduzir a pilhagem dos recursos naturais do planeta azul, que agora já se mostrava de cor acinzentada, etc.? Será que ainda teríamos tempo para achar uma solução, ou já seria tarde demais,

perguntavam-se os mais poderosos símios. Será que o modelo global como houvera sido praticado não havia destruído a sustentabilidade do planeta? Quais adaptações teriam sido viáveis?

Ao dizer a palavra sustentável, lembravam-se vagamente do conceito original de sustentabilidade: socialmente justo, economicamente viável e ambientalmente saudável. Onde e por que teriam falhado? Onde e quando teriam sido omissos? Mereceriam ou teriam ainda nova oportunidade? Uma coisa perceberam: era possível fazer algo para salvar o planeta, mesmo sem a ajuda de super-heróis. A solução era possível, mas tinham de começar a trabalhar rápidos e unidos. Sustentabilidade passaria a ser a palavra mágica para todos e não para uns poucos. Também não seria só retórica, mas compromisso de todos. Anteriormente o conceito de sustentabilidade tinha foco centrado somente na sustentabilidade dos macacos, mas agora mudaria para um enfoque holístico, baseado no planeta como um todo, em um ambiente global de todos e para todos, macacos e não-macacos. O processo de globalização, que era tipicamente mercadológico e econômico, rapidamente mudou para um processo centrado na saúde ambiental, com os macacos fazendo parte desse ambiente e não mais como se fossem proprietários do planeta para usá-lo ao seu bem querer. O planeta poderia ainda ser salvo, poderia voltar a ser azul como antes. Havia esperança, a vida voltaria ao normal, todos esperavam e se esforçavam para isso. Finalmente, a igualdade surgia entre os macacos de todo o planeta, não na riqueza de bens materiais, mas na riqueza dos maiores bens que eles tinham e não tinham percebido, deslumbrados que estavam com o consumismo: a natureza e a sua inteligência. Bastava conservá-las de forma sábia. □